



BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE

PROJETO MEMÓRIA ORAL

JOSÉ GOLDEMBERG

Hoje, 08 de outubro de 2008, a Biblioteca Mário de Andrade registra o depoimento do físico, professor e pesquisador José Goldemberg para o Projeto Memória Oral da instituição, iniciativa esta que vem sendo desenvolvida com o objetivo de resgatar a história da Mário de Andrade, de uma forma matizada, através de narrativas orais dos seus mais diferentes protagonistas – antigos funcionários, diretores, colaboradores, pesquisadores, artistas e intelectuais. Na direção de captação audiovisual deste registro, Sérgio Teichner e na condução do depoimento, Ana Elisa Antunes Viviani.

Ana Elisa Antunes Viviani: Professor, nós gostaríamos de iniciar o depoimento, solicitando que o senhor nos contasse um pouquinho a respeito de suas origens familiares, da cidade onde o senhor nasceu, no Rio Grande do Sul, sua vinda para São Paulo.

José Goldemberg: Olha, eu nasci no Rio Grande do Sul numa pequena cidade chamada Santo Ângelo. Isso em 1928, eu tenho oitenta anos, agora. Eu vivi nessa cidade durante uns cinco anos. Minha mãe faleceu, quando eu ainda era pequeno, e minha família foi para Porto Alegre, porque as oportunidades educacionais eram melhores. Em famílias judias, como é o meu caso, as pessoas dão muita importância para a educação. Se há uma coisa com a qual os pais se preocupam é com a educação, e Porto Alegre era uma cidade maior. Eu fiz o grupo escolar em Porto Alegre, numa magnífica escola, e tinha uma professora lá, no Grupo Escolar Luciana de Abreu, que foi meu primeiro contato com uma pessoa que se interessava por mim, que achava que minha vivacidade me levaria a uma atividade intelectual de algum tipo.

Depois do grupo escolar, eu fui para o Colégio Estadual Duque de Castilho, que é um dos grandes colégios da safra do Dom Pedro II, do Rio de Janeiro, e que

era uma escola que havia sido criada pelos republicanos gaúchos que lutavam pela República. Tinha uma forte influência positivista na escola. Foi lá que houve um professor de física que despertou meu interesse pela ciência.

Com dezoito anos, eu vim para São Paulo, de novo pelo mesmo motivo, as oportunidades educacionais eram melhores aqui em São Paulo, por causa da USP¹. Viemos para cá. Éramos uma família de poucos meios. Nós morávamos numa pensão ali numa travessa da Avenida Paulista, que tinha muitas pensões. Foi aí que eu conheci a Biblioteca Mário de Andrade. Na pensão não tinha lugar para estudar. Era um lugar onde morava muita gente e movimentado, e eu ia até a Biblioteca, que era um lugar sossegado; tomava um bonde. Naquele tempo tinha bondes na Paulista, bem prático porque saía da Avenida Paulista, ali na região que ficava a Sears. O bonde corria a Avenida Paulista e depois descia a Consolação até a Mário de Andrade. Foi assim.

AE: O senhor veio de Porto Alegre sozinho para São Paulo?

JG: Com a minha família.

AE: Com a família toda. E como é que foi o impacto de chegar em São Paulo? Como era a cidade naquela época?

JG: Era uma cidade de dois milhões de habitantes, mas, perto de Porto Alegre, ela era uma grande cidade. Sobretudo aquela parte central da cidade era muito impressionante: Teatro Municipal, aqueles palacetes do Largo do Anhangabaú, de modo que foi uma coisa bastante impressionante.

Depois eu comecei a estudar na USP, frequentava a Faculdade de Direito. Eu não estudava lá, estudava na Brigadeiro Luís Antônio e na Alameda Gleite, porque a Faculdade de Filosofia estava espalhada naquele tempo. Mas a impressão que eu tive foi a de ir para uma grande metrópole.

¹ Universidade de São Paulo



AE: E, professor, na Biblioteca Mário de Andrade o senhor fez os estudos para prestar o vestibular ou estudava também para o curso de física?

JG: Não, não. Quando eu era estudante de física; não foi para estudar para o vestibular. Logo que eu vim de Porto Alegre, eu fiz o vestibular e entrei na faculdade. Era para estudar mesmo.

AE: E a Biblioteca tinha acervo de livro de física, de disciplinas relativas ao curso do senhor?

JG: Olha, eu não me lembro bem. Ela tinha alguma coisa, mas, na realidade, eu tinha um grande interesse intelectual e eu li muita literatura. Olha o meu escritório! Você vai ver que tem obras de todos os tipos e eu sempre tive muito interesse por história. Na Biblioteca Mário de Andrade eu não lia só livros de física, eu lia literatura e acabei tendo uma boa formação literária, totalmente autodidata, mas você cita qualquer um desses clássicos, e eu provavelmente li eles todos na época que eu frequentava a Mário de Andrade.

AE: E, professor, o senhor assistia às palestras que tinha no auditório? O senhor chegou a frequentar?

JG: Não, eu era um frequentador assíduo. Ficava quietinho ali sentado nas mesas e lia. Você sabe que isso ocorreu com uma porção de gente na história? Você sabe que Marx fazia a mesma coisa na Biblioteca de Londres?

AE: Ia para a Biblioteca estudar.

JG: Só que lá em Londres eles tinham uns cubículos onde a pessoa podia se inscrever e davam para ele uma espécie de miniescritório. Isso nunca teve na Mário de Andrade, acho que não tem ainda.



AE: Tinha as cabines de pesquisa. Agora estão desativadas, mas, depois da reforma, serão reativadas.

JG: Pois é, isso não tinha na época. Era um salão grande com mesas, mas um lugar calmo, agradável, e eu sempre achei aquele prédio bonito. Não sei se bonito ou não, mas era funcional.

AE: O senhor se lembra de ter encontrado no acervo da Biblioteca alguma preciosidade, algum livro que o senhor tenha falado: “Nossa eu não acredito que tenha isso aqui”.

JG: Não particularmente, mas numa ou noutra ocasião eu frequentava uma sala de mapas que tinha lá. E tinha uns mapas lindos. É a única coisa que eu me lembro.

AE: Certo. E com relação ao seu curso na USP que ficava na Alameda Gleite, como era a circulação de pessoas de outros cursos?

JG: Naquele tempo a Universidade de São Paulo era muito melhor do que é hoje. Eu fiz vestibular para química e os cursos eram na Alameda Gleite. Eu fiquei uns seis meses na química para descobrir que o que eu queria não era estudar química, era estudar física, porque eu estava interessado em estudar a estrutura íntima da matéria e eu pensei que química nos ensinasse a estrutura íntima da matéria. Você pega a água, a água é formada de átomos de hidrogênio e oxigênio, dois átomos de hidrogênio e um de oxigênio e eles estão ligados. Isso é o que a química esclarece. Acontece que eu descobri que eu queria descobrir o que tinha dentro do átomo e isso quem fazia eram os físicos.

Fiz o vestibular seguinte para física no ano seguinte e me tornei físico nuclear. Então físico nuclear é o físico que estuda o núcleo dos átomos e eu queria estudar a estrutura íntima da matéria.

AE: E os professores que o senhor tinha, o senhor se recorda de algum deles?



JG: Pois é, a USP era muito diferente da USP de hoje. Pouquíssimos alunos e alguns professores ainda eram aqueles estrangeiros que tinham vindo da Europa para organizar os cursos aqui, da USP. Eu tive contato com um professor italiano. Ele era russo e italiano, de origem russa, mas tinha morado na Itália, e ele era uma pessoa claramente de nível superior. Eu aprendi com ele o que é o nível internacional. Sabe, 40 anos depois, eu me tornei reitor da USP e o que as pessoas dizem é que eu insisti muito em introduzir o nível que não fosse local ou um nível regional, mas um nível internacional. E todo mundo sabe que o meu esforço foi o de transformar a USP numa universidade de nível internacional.

AE: Como era o nome desse professor?

JG: Gleb Wataghin. É um nome russo, mas ele trabalhou na Itália durante vários anos e era um físico de distinção.

Eu não era da primeira leva. Tinham vindo outros antes de mim, porque a universidade tinha sido criada aproximadamente 12 anos antes. Mas eu aprendi muito com ele e tornei-me um físico, segui uma carreira de pesquisador.

AE: O senhor tem o conhecimento de algum outro colega do seu curso que tenha frequentado a Biblioteca, que tenha tido também um contato...?

JG: Não, e na realidade eu não ia à Biblioteca para estudar física. Os livros de física eu tinha ou existiam no próprio departamento de física. Eu ia para ler literatura e as pessoas ficam muito admiradas porque um físico, como eu, adquiriu cultura literária. E cultura literária foi na Biblioteca Mário de Andrade.

AE: E como foi essa mudança da USP para o Butantã?

JG: Isso foi um pouco mais tarde, naturalmente. Demorou bastante. O Departamento de Física foi um dos primeiros departamentos que vieram para cá. A Cidade Universitária era um charco completo e era uma coisa heróica vir aqui para a Cidade Universitária. E ainda é, mas imagina há trinta, quarenta anos atrás. E



demorou para construir. Realmente, a Universidade teve um impulso do ponto de vista físico com o reitor Miguel Reali. Foi o reitor da década de setenta e ele deu efetivamente um grande impulso.

AE: E o senhor sentiu alguma diferença no perfil dos alunos em relação àqueles que estudaram no centro?

JG: Olha, nas áreas que eu tinha mais contato, não. Mas tinha mais alunos, a escala mudou. Agora, algumas escolas nunca vieram para cá. A Faculdade de Direito nunca veio para cá. A Faculdade de Medicina também nunca veio para cá. Foi criado um hospital aqui, um hospital universitário aqui no campus, mas eu acho que, sob esse ponto de vista, as coisas não mudaram muito. As pessoas perguntam se o nível dos alunos caiu; não caiu não. O exame do vestibular seleciona tanto que aqueles heróis de 1946, 1947 – porque aí precisava de um certo heroísmo para estudar ciência pura – eles se repetem hoje. É claro que agora o número de pessoas que entra na Escola Politécnica é setecentos por ano, mas eles são todos selecionados entre quinze, vinte mil. Então, sob este ponto de vista, eles são de fato muito bons, eu não vejo deterioração nenhuma. Agora, nos jovens de hoje, isso eu vejo – observação de gente velha é essa mesmo – os jovens de hoje são menos interessados por literatura e por arte.

AE: Acho que é por isso que todo mundo se admira quando o senhor mostra toda essa cultura literária. Hoje em dia é difícil encontrar uma pessoa que... as áreas estão tão compartimentadas que...

JG: Mas essa é a grande diferença. Os alunos às vezes perguntam: “Ah, mas os alunos pioraram porque massificou, e não sei o que...”. Não é verdade, os alunos de engenharia não pioraram, mas eles só sabem engenharia. Se derem uma redação para fazer, você conhece bem o resultado. Muitos deles não escrevem bem português, o que no passado não tinha; no passado as pessoas davam muito valor para isso.



AE: E, professor, com relação à vida do cientista, o senhor acha que houve alguma transformação, uma modificação, dada às mudanças históricas?

JG: Ficou muito mais fácil fazer ciência. Com esses sistemas que foram criados, CNPq², CAPES³ e aqui em São Paulo a FAPESP⁴, ficou muito mais fácil. Os estudantes conseguem bolsas com relativa facilidade. Eu, durante dois anos, não tive bolsa, eu trabalhava à noite.

AE: Como é que foi isso? O senhor fazia a faculdade, trabalhava à noite... Dava aula?

JG: Não, eu trabalhava num cartório, eu era ajudante de escrivão e, depois de uns dois anos, o professor com quem eu tinha mais contato, achou que eu tinha vocação e ele conseguiu uma bolsa. Mas era uma bolsa de um tipo meio especial, viu? Agora não, você faz um requerimento, vai lá na FAPESP e consegue facilmente uma bolsa. Naquele tempo era muito difícil.

AE: Ao que se deve essa mudança, essa mentalidade de incentivar os cientistas?

JG: Aqui no Brasil melhorou, não é? A gente não acha isso porque... O Brasil cresceu muito e tem muito mais gente e, tendo muito mais gente, tem muito mais gente com poucos recursos, tem muita gente pobre. Então a gente fica impressionado com o atraso do Brasil, mas é relativo o atraso. Em alguns setores, o Brasil está atrasado, em outros, ele está muito adiantado, sobretudo na USP – se você viver dentro da USP, você nem sabe que está no Brasil, quer dizer, a USP é uma universidade de nível internacional.

AE: Eu vi numa entrevista recente que o projeto seria colocar a USP entre as cinquenta melhores universidades do mundo. Que ações ela deveria tomar para conseguir isso?

² Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

³ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

⁴ Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo



JG: Ela já está tomando. Nós já conseguimos colocar a USP entre as cem primeiras. Saiu recentemente. E isso se deve ao esforço muito grande ao longo dos anos. O professor Reale teve um papel muito importante e alguns amigos meus dizem que eu também tive um papel significativo, porque eu coloquei uma ênfase muito grande na qualidade. Como eu tinha estudado no exterior, tinha sido professor no exterior, os meus padrões eram padrões de exigir muito e isso acabou fazendo bem para todo mundo.

AE: Quando o senhor foi reitor, foram adotados critérios de avaliação dos quadros docentes. Vinte anos depois...

JG: Continua, ficou mais exigente. Eu vou contar uma história para você, é uma entrevista informal, você vai gostar dessa história. Eu tenho filhos, e filhos têm a vida deles, visitam os pais de vez em quando, finais de semana, etc. E meu filho mais velho, professor da Politécnica, pelos méritos dele, ele é engenheiro. Numa ocasião eu perguntei para ele: “Escuta, você não vem neste fim de semana visitar o seu pai?” Ele disse: “Não, esse fim de semana eu não posso, porque teve um reitor muito enjoado aqui no passado que exigiu que os professores fizessem relatórios de acompanhamento e eu preciso entregar na segunda-feira”. Eu falei: “Por acaso você sabe quem é esse reitor?”. Ele disse: “Ai meu Deus, é o meu pai!”

Mas é graças a isso que a universidade hoje está entre as cem melhores e, provavelmente, dentro de dez anos, ela estará entre as cinquenta melhores.

AE: E, professor, voltando um pouquinho, como foi para a sua família receber essa sua decisão de se tornar um físico nuclear? Não era muito comum naquela época; as pessoas iam fazer medicina, direito e engenharia.

JG: Recebeu muito mal. Era uma família muito modesta e o que o senso comum indicava é que eu deveria fazer engenharia, que era a mais próxima de minha inclinação e que era uma profissão rendosa, de modo que minha família não recebeu bem, mas há momentos na vida em que você tem que decidir o que você



quer fazer. Não tem moças que abandonam tudo e vão fazer teatro? Tem alguma coisa mais arriscada do que fazer teatro? Em compensação, se a pessoa for uma boa atriz, é uma fonte de satisfação imensa. É assim que são os seres humanos, ainda bem.

AE: Teve algum filho ou neto que seguiu a carreira do senhor? Que tenha se inspirado?

JG: Não, eles seguiram carreiras próximas. Meus filhos são engenheiros, mas a minha filha é antropóloga. Os homens foram para a engenharia e a moça é antropóloga, fez ciências sociais.

AE: Já que a gente falou dessa questão da física nuclear, uma coisa que eu queria perguntar para o senhor, a respeito desse acelerador de partículas que recentemente foi colocado em funcionamento, que expectativas o senhor, enquanto pesquisador de física, teria em relação a esse acelerador?

JG: Você veja, nós vivemos aqui na Terra, que é um planeta completamente obscuro, tem milhões de sóis pelo mundo afora, galáxias, tem um monte de coisa. Nós somos bombardeados o tempo todo por uma radiação que vem do espaço, chama-se radiação cósmica. Nesse momento o seu corpo está sendo atravessado, a cada segundo, por cada centímetro quadrado passa um raio cósmico que vem de distâncias enormes do universo. E têm energias enormes, esses raios cósmicos têm energias muito grandes e nós não conseguimos fazer esses raios cósmicos aqui na Terra. Esses aceleradores estão tentando fazer radiação cada vez de mais energia. Nós conseguimos grandes progressos. Os físicos nucleares fazem isso, eles constroem aceleradores nucleares, porque com isso eles tentam repetir as condições do universo quando ele foi criado. Nós somos, nesse sentido, aprendizes de feiticeiro, porque, mesmo o LHC⁵, que é esse grande acelerador que vai acelerar prótons a grandes velocidades, não consegue acelerar a velocidades comparáveis com as dos raios cósmicos – os raios cósmicos são mais poderosos ainda – mas

⁵ Large Hadron Collider



ele vai permitir, talvez – a gente não sabe como funciona ainda – ele vai nos permitir entender melhor como é que o universo foi criado. O nosso universo foi criado há dez, doze bilhões de anos atrás e, ao que tudo indica, ele se originou de uma grande explosão que deu origem a uma quantidade enorme de radiação e aos corpos celestes que tem hoje. Mas para isso precisou de muita energia e nós não conseguimos repetir aquilo. Estamos tentando agora. A expectativa é que vai ser um instrumento de aprendizagem. As pessoas que trabalham nisso têm certeza de que ele vai nos ensinar algumas coisas e nos colocar novas questões. Tem sido assim até agora. No ano que vem, quando ele funcionar, ele não vai explicar como o universo se originou, ele vai ajudar a entender melhor, mas não vai conseguir explicar completamente.

AE: E, professor, o senhor tem uma vida como pesquisador muito consolidada e também uma carreira como administrador público. Como é conciliar as duas atividades? Existe algum momento em que elas se chocam? Como é fazer com que elas aconteçam harmonicamente?

JG: O que tem acontecido com muitas pessoas é que elas têm uma formação profissional, trabalham como engenheiros, advogados, etc., e depois entram na carreira pública. Tem um exemplo muito interessante que é a Margaret Thatcher. Margaret Thatcher era química e Ângela Merkel, a atual Primeira Ministra da Alemanha, é física de formação, de modo que não é uma coisa tão incomum assim; as pessoas começam numa determinada área, depois elas entram para a administração pública ou política e não voltam nunca mais. A única coisa que tem de diferente a meu respeito é que eu nunca abandonei.

AE: Pois é, o senhor continua levando a sua carreira como pesquisador também.

JG: O que eu fiz foi me tornar professor da USP, isso foi há muitos anos atrás, e nunca abandonei a USP. Sempre continuei como professor. Quando fui ministro em Brasília ou Secretário do Meio Ambiente, eu sempre mantive meu escritório aqui, com meus colegas. Uma vez por semana eu tentava vir aqui conversar com os



colegas. É um banho de sanidade mental, porque seus colegas de seu nível não estão dando muita importância se você é ministro ou não é ministro. A gente se encontra no corredor e diz: “Escuta, esse seu presidente aí fez uma coisa errada, fez isso, fez aquilo”. Ao passo que, enquanto você é ministro, ninguém te fala essas coisas, as pessoas têm medo ou querem bajular. Então manter esse contato com a universidade ajudou a manter a sanidade. Eu sempre achei que eu não ia ficar nesses lugares, eu fiquei anos e anos, mas eu sempre achei que ia voltar, de modo que eu mantinha os meus contatos científicos.

AE: Bom, o senhor teve uma atuação muito forte também como diretor do Instituto de Física, como presidente do SBPC⁶. O senhor poderia contar um pouco essa experiência? Foi num momento difícil na história do país.

JG: Olha, durante meus primeiros 15 anos de carreira, eu fui um físico inteiramente convencional até me distinguir razoavelmente por causa de trabalhos que eu fiz aqui e no exterior. Eu fui convidado, em 1963, 1964, para ser professor em Paris e fui nomeado. O meu decreto de nomeação foi assinado pelo General De Gaulle. A minha intenção era de ficar não sei quantos anos em Paris. Isso era no começo da revolução aqui no Brasil. E aí eu não fiquei na França por razões pessoais, porque minha primeira esposa faleceu e aí era um problema cuidar das crianças e eu voltei. Voltei naquele período em que começou o regime militar, realmente a situação era muito difícil e você era atraído para a defesa dos direitos civis e do direito dos cientistas. Quer dizer, mesmo que você não fosse politicamente motivado, você acabava sendo puxado por essas coisas. É o que ocorreu com um grande número de políticos hoje no Brasil, que acabaram passando por uma educação desse tipo. Veja o José Serra, que é governador do Estado: era o presidente da União Nacional dos Estudantes. Eu não tinha interesse em política, o Fernando Henrique era meu colega de turma na universidade, eu estudava física e ele estudava sociologia, mas ele se interessou por política e eu não me interessei por esse tipo de política e acabei ficando presidente da Associação dos Físicos e depois presidente da SBPC. Aí era um problema defender a ciência e defender os próprios cientistas, porque

⁶ Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência



muitos deles foram atingidos pelo governo militar, o que acabou politizando um pouco a nossa geração.

Como presidente da SBPC, nós acabamos nos tornando muito visíveis porque naquele tempo sindicatos tinham sido fechados, as associações de estudantes também. As únicas instituições que funcionavam eram a igreja, que o governo não podia fechar, e a SBPC. Inacreditável, as pessoas me perguntam até hoje: “Como? Seus colegas foram todos presos, etc e tal, até o Fernando Henrique e isso nunca aconteceu com você?” Não aconteceu e eu acho que o motivo era o de que, dentro do governo, havia uma tendência modernizante, porque alguns desses militares que modernizaram o país sabiam que não podiam modernizar o país se não tivessem ciência e tecnologia. Acho que foi isso que nos salvou.

AE: E como o senhor vê hoje a SBPC, ela tem a mesma importância?

JG: Assim que o regime democrático voltou, a SBPC imediatamente perdeu essa importância pública, política e voltou para as suas raízes, que eram organizar reunião de cientistas, como são as associações de cientistas dos EUA e a da Inglaterra. Há outros fóruns. A SBPC, na ocasião, discutia política também, porque não havia outro lugar para discutir, mas agora não, agora tem congresso, mil e uma ONGs, etc, Então ela perdeu muito desse caráter público e político, mas é uma sociedade importante, porque congrega os cientistas.

AE: E, professor, com relação a essa retomada do Governo brasileiro, de construir novamente usinas nucleares, o senhor sempre se posicionou contra. Como o senhor vê isso?

JG: Eu sou um físico nuclear, eu sei como esses reatores funcionam. Houve um período de grande entusiasmo da energia nuclear, na década de 1965 a 1975, não foi nem até 1980. Mas o entusiasmo ocorreu em países que precisavam de energia nuclear como a França, o Japão e a Alemanha – são países relativamente pequenos e tinham esgotado as outras formas de energia. O que ocorreu naquela época é que as indústrias que construíram os reatores nucleares para aqueles



países que precisavam deles tentaram empurrar aqueles reatores para cima de países que não precisavam deles. Foi isso, nós fizemos, em 1975. A minha posição contra a energia nuclear tinha essa origem. Nós tínhamos energia hidroelétrica. Veja, em 1975, estava começando a construção de Itaipu. Você acha que tinha sentido parar Itaipu para fazer reatores nucleares? Era um contrassenso, e era contra isso que explicávamos e o governo acabou adotando as nossas teses. Você veja que a energia nuclear avançou um pouquinho, mas o governo tinha planos mirabolantes naquele tempo que não se concretizaram, e a energia hidrelétrica se concretizou. Itaipu é a segunda maior usina hidrelétrica do mundo. Era a primeira até dois anos atrás. Agora, com a usina Três Gargantas, na China, ela ficou a segunda. É uma magnífica usina hidrelétrica, de modo que países que têm outras opções vão preferir ou devem preferir usar essas opções, e energia nuclear fica sendo uma opção mais para o futuro, quando não houver outras opções, porque energia nuclear é cara e é perigosa. É melhor a gente não abusar muito da sorte.

AE: Voltando um pouco para a questão do perfil do cientista, o que um cientista tem que ter hoje para se destacar na comunidade acadêmica, na comunidade científica?

JG: Não tem resposta, em qualquer área é assim. É como perguntar como um médico se destaca, como um jurista se destaca. São qualidades individuais que as pessoas têm. É impossível dizer. Sei lá, quem é religioso acha que cada ser humano tem um grão da divindade dentro de si, um brilho especial, uma inclinação especial. É uma coisa muito individual. Você veja; nós aqui na Universidade: entram por ano aqui na Universidade cerca de sete mil alunos. Em algumas das escolas, como a Politécnica ou a Medicina, entra o *crème de la crème*, realmente são os melhores que tem. Para entrar na Faculdade de Medicina é muito difícil e tem um curso magnífico, caro. É o Estado quem paga, no fim eles se formam. Todo ano se formam uns cem, duzentos médicos e, no fim, alguns se tornam grandes médicos e outros adequados. E o Brasil precisa de ambos, ele não precisa só de pessoas brilhantes, ele precisa de pessoas que cuidem do dia-a-dia também.



AE: Nesse sentido, como o senhor vê essa grande expansão das universidades particulares, existe pesquisa de peso sendo feita em universidades particulares?

JG: Não, eu vejo com uma certa tristeza de que o sistema público não consiga expandir-se. O sistema público de universidades aqui no Brasil, somando o governo federal, estadual e municipal, até, ele atende um terço dos estudantes, dois terços dos estudantes vão para as escolas particulares e têm dificuldades para pagar. Eu posso garantir para você: quando eu vim para São Paulo, há mais de cinquenta anos atrás, eu estudei na USP. Eu só consegui fazer isso porque a USP era gratuita, se eu tivesse que pagar universidade eu não conseguiria estudar. Eu tinha que trabalhar para me manter e não pagava pela escola, imagina se tivesse de pagar essas mensalidades elevadas das escolas particulares. De modo que isso é uma situação muito ruim e tem países em que não é assim – França, Itália – quer dizer, as pessoas têm acesso à universidade pública e gratuita. Ela não é muito boa, não é uma universidade de pesquisa, mas é uma universidade onde você recebe educação e depois, no curso de pós-graduação, você faz pesquisa.

Acho que é lamentável que o Brasil não tenha recursos para fazer isso. O que meus colegas – eu fui Ministro da Educação, de modo que eu aprendi estas coisas – acham que devia ter, no Brasil, no lugar dessa enorme proliferação de escolas particulares, são cursos universitários de menor duração, como os *colleges* dos EUA. A gente vê isso no cinema, qualquer filme mostra os pais, e os meninos e as moças, quando completam 18 anos, vão para a universidade. Um grande número vai para Harvard, para as grandes universidades, que são caríssimas, mas a grande maioria vai para os *colleges*, que são como um curso universitário, mas um curso de dois a três anos. Esse espaço está sendo ocupado aqui no Brasil pelas escolas particulares, que frequentemente dão um curso bem ruim.

AE: É, o problema é a qualidade.

JG: É caro e não é muito bom. Então eu acho que o caminho a seguir seria ter... Quer dizer, não é possível ter uma USP em todo lugar do Brasil, é caro demais. Não



é que não seria desejável, seria desejável, mas é caro demais. É possível ter escolas boas com dois, três anos de duração.

AE: Bom, professor, acho que a gente pode ir encerrando, eu sei que o senhor está ocupadíssimo. Voltando à questão da Biblioteca, o senhor teria alguma ideia de ações que ela deveria tomar para que ela pudesse redescobrir novamente o papel fundamental que ela já teve, de polo aglutinador de intelectuais, artistas e demais pensadores?

JG: Olha, cada vez que eu passo na frente da Biblioteca, eu me lembro do papel que ela desempenhou na minha vida. As pessoas argumentam que, com a Internet, não se precisa mais de biblioteca, que essa coisa está caindo em desuso, etc. e tal. Eu não concordo com isso em número, gênero e grau. Eu acho que a internet é ótima para comunicação. Na comunicação científica, ela é muito importante para que você possa trocar informações. Mas há umas coisas que você encontra nos livros. É verdade que, se você quiser ler Heródoto, você encontra na internet, mas ninguém vai me dizer que pegar um livro de história e ler na internet é a mesma coisa.

Quando a gente diz isso, os jovens acham que é velho que tem essas ideias. Eu sou velho, mas eu acho que é claro que a internet e a informática têm que entrar, quer dizer, a nova Biblioteca, a renovação da BMA tem que ter todos os instrumentos da informática, mas, além disso, ter os livros; e eu acho que ela precisa ter essas cabines para pesquisa. Eu lamento que eu não tenha tido uma na minha época. Eu acho que esse papel não vai desaparecer, porque aí é que está. No texto, qualquer texto, esse aqui... O que eu estava dizendo é o seguinte, é verdade que quando você pega um livro como este, *A tecnologia no mundo antigo*, se você entrar na Internet, seguramente você encontra isso, ainda mais com o *Google*, tem tudo na Internet. Mas ninguém vai me dizer que é a mesma coisa você ficar lá lendo aquilo com dificuldade ou folheando o livro; você procura aqui e percebe que ele se refere a uma outra página, ao invés de você ficar lá apertando no mouse procurando as coisas... Há um componente cultural, ao você olhar livros.



Você precisa entrevistar o Mindlin, ele é apaixonado por isso, mas ele provavelmente nunca foi à Biblioteca...

AE: De vez enquanto ele vai lá.

JG: Há esse componente cultural. A Biblioteca é mais do que apenas a fonte de informação. A internet tem a informação, a biblioteca tem outras coisas. Então eu acho que esses gabinetes de trabalho seriam muito bons. E eu acho que ter seminários e conferências... sempre teve, mas naquela época eu não ia e depois eu me tornei ocupado demais para ir, mas eu acho que é uma coisa excelente.

AE: O livro ainda tem uma manuseabilidade que o computador ainda não oferece. Você o carrega para tudo quanto é lado, lê no ônibus, lê no carro...

JG: Se bem que esses jovens estão carregando os computadores...

AE: Dá para ler agora, no celular...

E o senhor frequenta o centro da cidade? Têm lugares por onde o senhor perambula? O senhor comentou que passa em frente da Biblioteca.

JG: Eu frequento pouco o centro da cidade. São Paulo ficou uma cidade tão grande que, com esses shoppings agora, você desenvolve sua vida regionalmente. E é com todo mundo, não é só comigo. Eu moro perto de um shopping muito bom onde tem tudo. Então você só vai ao centro quando é alguma coisa muito especial.

Como eu trabalhava no governo até recentemente, eu tinha que ir muito ao centro. Eu era Secretário do Meio Ambiente, então eu tinha que ir. Então é por isso que eu me lembrei que recentemente eu passava com frequência na Consolação e via a Mário de Andrade.

AE: Para a gente finalizar, existem livros que o senhor costuma visitar, livros que tenham sido marcantes, mesmo livro de ciências...?



JG: Um livro que eu revisito sempre é o do Toynbee⁷. Eu gosto muito de história. E alguns desses clássicos eu tento visitar sempre. Dá uma olhada nessa sala que ele está filmando e na antessala; você vê o tipo de literatura que eu gosto. E tanto aqueles quanto estes livros que estão aqui são todos livros que eu li, não comprei para encher minhas estantes.

AE: Ok, professor, o senhor queria colocar mais alguma coisa?

JG: Não, a única comparação que eu faria é a seguinte: existem bibliotecas belíssimas no mundo – Biblioteca de Oxford, da Universidade de Oxford é belíssima, e a Biblioteca da Academia de Ciências de Paris é belíssima também, porque o cardeal era o dono daquele prédio e era a biblioteca dele, o Richelieu, uma biblioteca belíssima, toda com painéis de madeira. Eu acho que a Biblioteca Mário de Andrade é diferente, ela tem um prédio moderno, etc, mas seria conveniente, em algum ambiente lá dentro, eles tentarem reproduzir esse ambiente que a gente associa com a ideia das grandes bibliotecas do mundo.

AE: Tem alguma biblioteca favorita?

JG: Recentemente eu estive na Academia de Ciências de Paris e tive a ocasião de visitar a biblioteca do antigo cardeal Richelieu e que agora é da academia. É uma coisa extraordinária. Você olhando aquilo, você vê como os computadores são absolutamente insossos. Reforça o ponto de que o manuseio do livro é uma coisa absolutamente fundamental para muita gente; eu, inclusive.

AE: Ok, professor, não queria tomar muito o seu tempo. Muito obrigada.

JG: Obrigado.

⁷ Arnold Joseph Toynbee, historiador. 1889-1975. Autor de *A Study of History (Um Estudo de História)*

